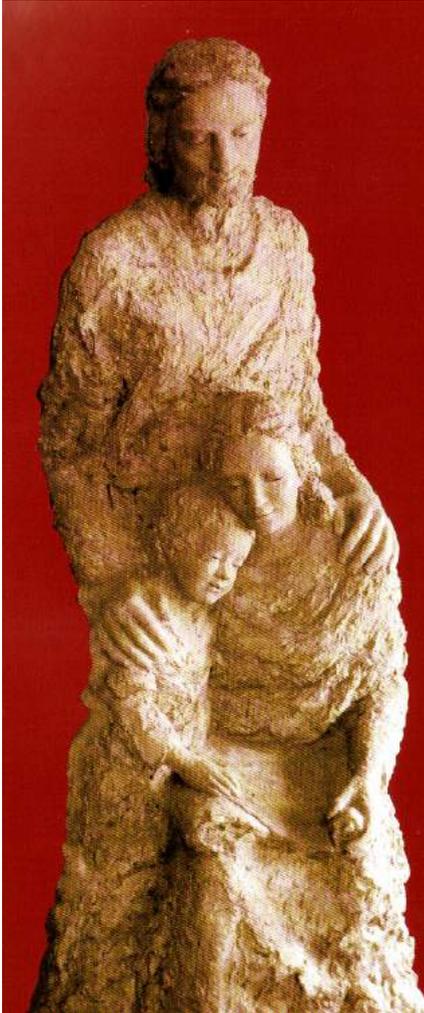


Família Missionária Verbum Dei

Caderno de Oração Advento 2016



Acolher Jesus,
renovar
o coração

«Renovai a face da terra»

SI 104, 30

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Andreia Alexandre
Cristina Mesquita
Filipa Ramalhete
Francisco Valles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Paula Mourão
Paulo Porto
Paulo Vieira
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Joana Galvão Teles
Leonor Balcão Reis

Comentários e sugestões para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

Acolher Jesus, renovar o coração

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I Advento
8	27 Novembro - Domingo I do Advento
13	4 Dezembro - Domingo II do Advento
17	8 Dezembro - Imaculada Conceição
22	11 Dezembro - Domingo III do Advento
26	18 Dezembro - Domingo IV do Advento
	PARTE II Natal
34	25 Dezembro - Natal
38	30 Dezembro - Sagrada Família
43	1 Janeiro - Santa Maria Mãe de Deus
47	8 Janeiro - Epifania
52	9 Janeiro - Batismo do Senhor
	PARTE III
60	Introdução
62	Encontro do Papa Francisco com as Famílias em Cuba
68	Partilha do Serão de Revisões e Aprofundamentos
70	Próximas atividades da FaMVDei Lisboa

Renovar não é coisa de um só dia

Quando leio o Salmo 104 que, no versículo 30, diz: “*Renovar a face da terra*”, chama-me a atenção que não especifique quem deve fazê-lo, melhor dizendo, parece que o verbo indica que todos - porque não assinala ninguém em particular - devemos fazê-lo.

Sim!, somos tu e eu, e também os jovens, as crianças, os adultos e os idosos, os da tua família, as pessoas do trabalho, os colegas da faculdade, os bancários, as donas de casa, os arquitetos, os agricultores, os economistas, os encarregados da recolha do lixo, os ecologistas e, por que não incluí-los, os políticos. É algo não apenas dos budistas, mas também dos cristãos, dos ricos e dos pobres, do Norte e do Sul. É para os de antes, os de agora e os que virão depois, é um compromisso desde sempre e para sempre. É um mandato que nos incumbe a todos, desde as primeiras civilizações, do Império Egípcio, passando pela Grécia Antiga, Roma, a Idade Media, à pós-modernidade e mais além.

É sempre o momento de ouvir o Senhor, Que nos diz: “*Eis que faço novas todas as coisas*” (Ap 21,5).

Realmente, se isto é verdade, não devemos, nem podemos, nem temos o direito de atirar ao chão a toalha, nada podemos dar por perdido; não nos desanimemos, nem sejamos pessimistas, não pensemos que já nada pode mudar, nem que o Passado foi sempre melhor e, ainda menos, que o Amanhã é absurdo, e que um Futuro melhor é uma utopia.

Ergue os olhos, eleva o teu olhar, não te fiques ao nível do solo, voa mais alto, olha e observa bem, na terra continua a brotar a vida, na Sociedade há jovens comprometidos, há famílias acolhedoras que sabem abrir as suas portas e partilhar, há muitos bons profissionais que oferecem o seu saber a boas causas, há ONG's

que velam pelos famintos, pelos enfermos, pelos refugiados... há voluntários que se entregam a muitas causas, há missionários que saem da sua terra, largam os seus projetos particulares, e vão-se, para viver a sorte de muitos outros, sem abandoná-los, nem na pior das tragédias, nem nas mais sangrentas guerras.

Há muita vida no mundo. Busca essa corrente que renova e o vento fresco que permite respirar fundo, caminha por trilhos de Justiça, sem deixar ninguém pelo caminho, segue por estradas que conduzam a uma meta, acompanha os que cantam a esperança, sobe às montanhas que te rodeiam, sob o calor do sol, confina-te na ternura e no carinho, escuta a Palavra de Deus, que vivifica o teu interior, empenha-te numa comunidade que cubra a tua nudez e que te exija que entregues o melhor de ti, voa mais alto, caminha pelos lugares altos (Cfr. Hb. 3,19), torna cada dia às fontes de água viva (Cfr. Jo 4,14. Jo 7,38), enraíza e planta a tua fé na corrente (Sl 1,3 e Jer 17,8), dialoga, dia após dia, com o Deus criador e dador de Vida, deixa-te contagiar por Jesus, Que quer criar o Reino. Tudo isto e muito mais que fores descobrindo é renovar a nossa terra.

“Olha, pus diante de ti, hoje, a vida e a morte... escolhe a vida e viverás, tu e a tua descendência” (Deut 30,15-20).

Por isso, *“Não te conformes, não fiques sentado, levanta-te do sofá, calça as botas e sai”*, disse o Papa Francisco aos jovens das JMJ 2016, na Polónia; e se hoje te encontrasses com o Papa Francisco também to diria a ti, sai e ajuda a renovar a Terra!

Para além do sol

“...243. No fim, encontrar-nos-emos face a face com a beleza infinita de Deus (cf.1 Cor13, 12) e poderemos ler, com jubilosa admiração, o mistério do Universo, o qual terá parte connosco na plenitude sem fim. Estamos a caminhar para o sábado da eternidade, para a nova Jerusalém, para a casa comum do Céu. Diz-nos Jesus: «Eu renovo todas as coisas» (Ap 21, 5). A vida eterna será uma maravilha compartilhada, onde cada criatura, esplendorosamente transformada, ocupará o seu lugar e terá algo para oferecer aos pobres definitivamente libertados.

244. Na expectativa da vida eterna, unimo-nos para tomar a nosso cargo esta casa que nos foi confiada, sabendo que aquilo de bom que há nela será assumido na festa do Céu. Juntamente com todas as criaturas, caminhamos nesta terra à procura de Deus, porque, «se o mundo tem um princípio e foi criado, procura quem o criou, procura quem lhe deu início, aquele que é o seu Criador».[172]

Caminhemos cantando; que as nossas lutas e a nossa preocupação por este planeta não nos tirem a alegria da esperança.

245. Deus, que nos chama a uma generosa entrega e a oferecer-Lhe tudo, também nos dá as forças e a luz de que necessitamos para prosseguir. No coração deste mundo, permanece presente o

Senhor da vida que tanto nos ama. Não nos abandona, não nos deixa sozinhos, porque Se uniu definitivamente à nossa terra e o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos. Que Ele seja louvado! (Cap. 9)...”.



parte I

Advento

O Senhor está!

- Is 2,1-5 «Visão profética de Isaías, filho de Amós,
sobre Judá e Jerusalém:
- Sl 121 (122) No fim dos tempos
o monte do templo do Senhor estará firme,
Rm 13,11-14 será o mais alto de todos,
e dominará sobre as colinas.
- Mt 24,37-44 Acorrerão a ele todas as gentes,
virão muitos povos e dirão:
‘Vinde, subamos à montanha do Senhor,
à casa do Deus de Jacob.

Ele nos ensinará os seus caminhos,
e nós andaremos pelas suas veredas;
porque de Sião sairá a lei,
e de Jerusalém, a palavra do Senhor.
Ele julgará as nações
e dará as suas leis a muitos povos,
os quais transformarão as suas espadas em relhas de arados,
e as suas lanças, em foices.
Uma nação não levantará a espada contra outra,
e não se adestrarão mais para a guerra.
Vinde, Casa de Jacob!
Caminheemos à luz do Senhor.’» (Is 2, 1-5)



Esperamos constantemente “o depois”, o que “há-de vir”! Comportamo-nos desta forma nas mais variadas componentes da nossa vida, nas relações, no trabalho... Subvalorizamos o presente e sobrevalorizamos o futuro!

Neste tempo de oração, o Senhor fala-nos e lembra-nos que Ele está, sempre está!

Vivemos um tempo da história em que já conhecemos Jesus e toda a Sua mensagem pelo que é nesta certeza de que Ele nos habita que somos chamados a ser semente de esperança neste mundo!

Isaías fala-nos de “firmeza”. De facto, conhecer Jesus e tê-Lo presente no dia-a-dia faz-nos viver com uma perspectiva alargada sobre as nossas circunstâncias e numa lógica de fraternidade em que o bem do outro é também o meu (porque somos irmãos).

Neste 1º domingo de Advento, a Igreja oferece-nos um tempo privilegiado para nos recordarmos de que o nosso coração é feito para que nele nasça Jesus e nele habite. Somos chamados enquanto Comunidade a viver este tempo especial, a cuidar do nosso coração, a torná-lo um “coração de carne”, mais digno de quem o habita!

O Senhor sempre está (mas não se impõe...)! No dia-a-dia experimento uma dificuldade grande em parar e com Ele conversar... Não obstante disso e da importância que seria se fosse diferente, o quão bom isso seria para mim e para os que me rodeiam, ainda assim é também verdade que Deus se enraizou em mim, nos meus gestos e atitudes... É que Deus deseja revelar-Se em “vasos de barro”...

Serei sempre o rosto autêntico da Sua presença? Obviamente que não. Mas o Senhor acolhe a minha fragilidade e sentir o Seu amor, colocando-me em seu regaço é, de facto, muito revigorante!

É tempo de celebrar! O Senhor vem! Vivamos este tempo de festa! A festa não é apenas o dia de Natal mas sobretudo o caminho que cada cristão vai fazendo, diariamente, para melhor O acolher e mostrar ao mundo que Ele é, efetivamente, o “Caminho, a Verdade e Vida”!

A transformação que o Senhor opera no Mundo acontece verdadeiramente através da transformação que é feita em cada homem, mulher, criança, velho ou novo, rico ou pobre, doente, marginalizado... o Senhor sempre está em todos!

Jesus entrega-nos a Sua paz e lembra-nos que esta paz que Ele nos dá não é apenas para que cada um se sinta confortável mas para que cada um a presente ao mundo!

Que cada um viva da melhor forma este tempo de Advento, na certeza de que Ele sempre nos acompanha e nos transforma, no invisível, no discreto, no simples, aumentando a nossa fé!

Dá-nos um pouco de fé

«Vieste aqui não para adquirir algo, mas para te libertares de muitas coisas», disse um velho e experiente monge a um noviço que o procurara no mosteiro. Ontem lembrei-me destas palavras, quando voltei a entrar no eremitério, pela primeira vez desde há um ano. E o mesmo pensamento assomou à minha mente esta manhã, ao meditar sobre a passagem do Evangelho em que os discípulos pedem a Jesus: «Aumenta a nossa fé!»; e Jesus replica: «Se tivésseis fé como um grão de mostarda...»

De repente, este texto falou-me de uma forma diferente da interpretação habitual. Não estará Jesus a dizer-nos com estas palavras: Porque é que me estais a pedir muita fé? Talvez a vossa fé seja «demasiado grande». Só se ela diminuir, até se tornar pequena como uma semente de mostarda, poderá dar o seu fruto e manifestar a sua força.

Uma fé minúscula não tem de ser necessariamente apenas o fruto da pecaminosa falta de fé.

Por vezes, a «pouca fé» pode conter mais vida e confiança do que a «grande fé». Será que não podemos aplicar à fé aquilo que Jesus disse na parábola acerca da semente, que tem de morrer a fim de produzir grandes benefícios, porque desapareceria e não prestaria para nada se permanecesse imutável? Será que a fé não tem de passar também por um tempo de morte e de radical diminuição na vida do homem e ao longo da história? E se nós apreendermos esta situação segundo o espírito da lógica paradoxal do Evangelho, em que o pequeno prevalece sobre o grande, a perda é lucro e a diminuição ou redução significa abertura ao avanço da obra de Deus, não será porventura esta crise o «tempo da visitaçã», o kairós, o momento oportuno? Talvez nós nos tenhamos precipitado ao atribuir uma conotação «divina» a muitas

das «questões religiosas» a que já nos habituámos, quando, na verdade, elas eram humanas – demasiado humanas, e só se forem radicalmente reduzidas é que a sua componente verdadeiramente divina entrará em jogo.

(Tomáš Halík)



Simplicidade

- Is 11,1-10 «Naqueles dias, apareceu João, o Baptista, a pregar no deserto da Judeia.
- Sl 71 (72) Dizia: “Convertei-vos, porque está próximo o Reino do Céu.”
- Rm 15,4-9 Foi deste que falou o profeta Isaías, quando disse:
- Mt 3,1-12 “Uma voz clama no deserto:
Preparai o caminho do Senhor,
endireitai as suas veredas.”

João trazia um traje de pêlos de camelo e um cinto de couro à volta da cintura; alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre.»
(Mt 3, 1-4)



João Baptista estava no deserto bastando-se do mínimo que tinha. Por vezes aqui em casa olhamos para a nossa gata (que anda mais tempo pelas vizinhanças que em nossa casa) e pensamos “Que maravilha de vida. Não precisa de nada! Anda sempre com a mesma roupa: seja verão seja inverno. A quantidade de roupa que nós temos, para as mais variadas situações é imensa. A gata come sempre a mesma comida todos os dias: a ração mais barata que encontramos no supermercado (nada de whiskas!). A quantidade e variedade de comida que todas as semanas nós compramos no supermercado é enorme. A gata não faz nada o dia todo: é só comer, dormir e passear!”

Será que somos nós que complicamos a vida? João Baptista não devia mudar de roupa frequentemente e devia comer o que lhe aparecia. Era de uma simplicidade extrema, porém muitos o procuravam: “*Iam ter com ele os de Jerusalém, os de toda a Judeia e os da região do Jordão*” (Mt 3, 5). Hoje em dia para alguém ser procurado precisa de muita publicidade, muita comunicação social, muitos aparatos, uma imagem estudada, um discurso elaborado.

Mas o importante em João Baptista não era a imagem, mas sim a mensagem: “*está próximo o Reino do Céu*”. Nem João Baptista sabia bem o que viria, mas sabia que era algo importante que merecia ser preparado. Vale a pena melhorarmos as nossas vidas: “*endireitai as suas veredas*”. “*Convertei-vos*”: a mensagem era dirigida a todos, todos podem mudar de vida, todos os dias podemos refazer um pouco a nossa vida. Por vezes fico espantado ao ouvir pessoas com 30 ou 40 anos a dizerem que algo mudou completamente a vida que levavam. Acho que eu tive a sorte de, desde pequena, ter presente na minha vida os valores mais importantes, que me foram incutidos essencialmente pelos meus pais, mas também pela paróquia que frequentei. Mas sei que nem todos tiveram essa sorte. Por vezes só mais tarde na vida é que nos cruzamos com

alguém que os faz ver uma outra forma de viver. Uma forma que nos torna mais felizes.

Mas mesmo tendo presente desde pequena os mesmos valores fundamentais, sei que todos os dias me posso converter. Todos os dias posso “endireitar as minhas veredas”.

Neste Advento quais as veredas que eu posso endireitar?

Neste Advento a quem posso “pregar” como fez João Baptista? Aos que vivem comigo, aos meus colegas, aos meus vizinhos? Todos os dias nos cruzamos com tanta gente que se calhar não tem a nossa sorte, a sorte de Te conhecer e saber que o importante na vida é o Amor. Por eu estar calada muita gente pode só encontrar um novo rumo para a sua vida aos 30, 40 ou 50 anos. Eu posso ser a “voz que clama no deserto”!



Preparai o caminho

*Preparai o caminho ao Senhor,
e escutai a Palavra de Deus. (2X)*

*Voz que clama no deserto:
"preparai o caminho ao Senhor,
endireitai os Seus caminhos,
preparai o caminho ao Senhor!"*

*Voz que clama no deserto:
"preparai o caminho ao Senhor,
afastai a mentira e o ódio,
preparai o caminho ao Senhor!"*

Autor: Stephen Schwartz – Godspell

Esta música foi adaptada de um musical de 1971 do Autor Stephen Schwartz. Este compositor também escreveu músicas para filmes como o Pocahontas e o Corcunda de Notre Dame.

Deixarmo-nos amar por Deus

- Gn 3,9-15.20 «Bendito seja o Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que no alto do Céu nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo. Foi assim que Ele nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis na sua presença, no amor.» (Ef 1, 3-4)
- Sl 97 (98)
- Ef 1,3-6.11-12
- Lc 1,26-38

«Ao sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David; e o nome da virgem era Maria. Ao entrar em casa dela, o anjo disse-lhe: “Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo.” Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiria de si própria o que significava tal saudação. Disse-lhe o anjo: “Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus. Hás-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Será grande e vai chamar-se Filho do Altíssimo. O Senhor Deus vai dar-lhe o trono de seu pai David, reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim.” Maria disse ao anjo: “Como será isso, se eu não conheço homem?” O anjo respondeu-lhe: “O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus. Também a tua parente Isabel concebeu um filho na sua velhice e já está no sexto mês, ela, a quem chamavam estéril, porque nada é impossível a Deus.” Maria disse, então: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.” E o anjo retirou-se de junto dela.» (Lc 1, 26-38)



A inscrição no calendário romano da celebração do dia 8 de dezembro como um dia santo, dedicado à Imaculada Conceição de Maria, remonta ao século XV, com o Papa Sisto IV. No entanto, desde o séc. VIII que o seu culto era praticado, tendo tido origem no oriente, chegando depois ao ocidente, onde já era popular na Idade Média. O dogma da Imaculada Conceição foi proclamado pelo Papa Pio IX, a 8 de Dezembro de 1854, através da bula *Ineffabilis Deus*.

Em Portugal, esta celebração revestiu-se, desde há séculos, de grande importância cultural e histórica. Já no século XIV, após a vitória na batalha de Aljubarrota, São Nuno Álvares Pereira fundou, em Vila Viçosa, a igreja de Nossa Senhora do Castelo, consagrando-a a Nossa Senhora da Conceição. Mais tarde, em 1646, após a Restauração da independência, o rei D. João IV declarou Nossa Senhora da Conceição rainha e padroeira de Portugal, depositando a coroa a seus pés - motivo pelo qual os restantes reis portugueses não foram coroados mas aclamados, nunca sendo representados com a coroa na cabeça, dado que esta pertencia a Nossa Senhora. Também era neste dia, durante parte do século XX, em que se festejava o Dia da Mãe.

Este dia de Nossa Senhora, nas primeiras semanas do Advento, desperta-me emoções contraditórias. Algumas inquietam-me, outras são parte da esperança e da alegria que o anúncio da chegada de Jesus, e a certeza da sua presença, sempre me trazem, em cada Natal.

Começando pelo que me inquieta: perante a celebração do dogma, que tem um papel importante na estrutura da Igreja, tenho sempre um sentimento de afastamento. Questiono porque não foram, nos vários momentos da história, suficientes os evangelhos e a sua

mensagem... porque tivemos de criar verdades para além da verdade absoluta do amor Deus?

No entanto, depois de ler, reler e rezar as leituras deste dia, sinto que estes momentos são desafios à minha capacidade de aceitar, sem condições, a mensagem de amor absoluto, que Jesus confirmou com a Sua vida, morte e ressurreição. Vejamos: vivo mesmo a minha vida com a certeza diária de que Deus *“nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis na sua presença, no amor”*? Construo diariamente este caminho de santidade? E, quando falho, busco em Jesus a força para recomeçar, certa do Seu perdão e da Sua salvação, a cada dia? A resposta a estas questões mostra-me quão difícil é manter, fielmente, continuamente, a minha relação de confiança absoluta em Deus – são demasiadas as vezes em que acho que tudo depende de mim, não confio, não me entrego, não me deixo amar.

E, nestes momentos, penso muitas vezes em Maria. E Maria é sempre, para mim, uma inspiração. Maria surpreende-se, interroga-se, mas dialoga e aceita o seu caminho, sem nunca perder a pureza da alma. No seu ventre cresceu a esperança de uma Humanidade, no presente, mas também no futuro. Maria encarna a esperança de um mundo novo, mais justo, e da construção de um Homem novo. Com Ela, e através d’Ela, sabemos que é chegado, hoje, o tempo de nos deixarmos amar por Deus. E de levarmos aos outros esse amor. E essa é uma das mais belas mensagens do Advento.

«Também nós, desde sempre, fomos escolhidos por Deus para viver uma vida santa, livre do pecado. É um projeto de amor que Deus renova sempre que nós aproximamos dele, especialmente nos Sacramentos», disse o Papa Francisco, na Praça de São Pedro, a 8 de dezembro de 2013.

Oração do Papa Francisco à Imaculada Conceição

Elevemos nossas preces à Imaculada, Santa Mãe de Deus e nossa Mãe!

Virgem Santa e Imaculada, que sois a honra do nosso povo e a guardiã solícita da nossa cidade, a Vós nos dirigimos com amorosa confiança.

*Toda sois Formosa, ó Maria!
Em Vós não há pecado.*

*Suscitai em todos nós um renovado desejo de santidade:
na nossa palavra, refulja o esplendor da verdade,
nas nossas obras, ressoe o cântico da caridade,
no nosso corpo e no nosso coração, habitem pureza e
castidade,
na nossa vida, se torne presente toda a beleza do Evangelho.*

*Toda sois Formosa, ó Maria!
em Vós Se fez carne a Palavra de Deus.*

*Ajudai-nos a permanecer numa escuta atenta da voz do Senhor:
o grito dos pobres nunca nos deixe indiferentes,
o sofrimento dos doentes e de quem passa necessidade não nos encontre distraídos,
a solidão dos idosos e a fragilidade das crianças nos comovam,
cada vida humana sempre seja, por todos nós, amada e venerada.*

Toda sois Formosa, ó Maria!

Em Vós, está a alegria plena da vida beatífica com Deus.

Fazei que não percamos o significado do nosso caminho terreno:

*a luz terna da fé ilumine os nossos dias,
a força consoladora da esperança oriente os nossos passos,
o calor contagiante do amor anime o nosso coração,
os olhos de todos nós se mantenham bem fixos em Deus,
onde está a verdadeira alegria.*

Toda sois Formosa, ó Maria!

*Ouvi a nossa oração, atendei a nossa súplica:
esteja em nós a beleza do amor misericordioso de Deus em
Jesus,*

*seja esta beleza divina a salvar-nos a nós, à nossa cidade, ao
mundo inteiro.*

Amén.

Papa Francisco

Ato de Veneração à Imaculada Conceição na Praça de Espanha (8 de dezembro de 2013)



E se João dissesse “não”?

- Is 35,1-6a.10 «Naquele tempo, João Baptista ouviu falar, na prisão, das obras de Cristo e mandou-Lhe dizer pelos discípulos: “És Tu Aquele que há de vir ou devemos esperar outro?” Jesus respondeu-lhes: “Ide contar a João o que vedes e ouvis: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a boa nova é anunciada aos pobres. E bem-aventurado aquele que não encontrar em Mim motivo de escândalo”.
- Sl 145 (146) Quando os mensageiros partiram, Jesus começou a falar de João às multidões: “Que fostes ver ao deserto? Uma cana agitada pelo vento? Então que fostes ver? Um homem vestido com roupas delicadas? Mas aqueles que usam roupas delicadas encontram-se nos palácios dos reis. Que fostes ver então? Um profeta? Sim – Eu vo-lo digo – e mais que profeta. É dele que está escrito: ‘Vou enviar à tua frente o meu mensageiro, para te preparar o caminho’. Em verdade vos digo: Entre os filhos de mulher, não apareceu ninguém maior do que João Baptista. Mas o menor no reino dos Céus é maior do que ele”.» (Mt 11, 2-11)
- Tg 5,7-10
- Mt 11,2-11

São João Baptista, ajuda-me neste advento a rezar a minha realidade a partir da tua realidade. Estás preso, provavelmente sem grandes esperanças de sair vivo dessa situação. Como seria a tua prisão nesse tempo? Um lugar insalubre, rodeado de delinquentes, ou, pelo contrário, um lugar de solidão, tanto faz.... Deverias, no isolamento do teu interior, ter sido assaltado pela dúvida. A dúvida quase de tentação, que bloqueia a confiança em Deus e no próximo. A tua resposta foi de seguir em frente, de interpelar Jesus, de buscar a Sua confiança. Algures no teu coração já saberias que Jesus era aquele por quem vale a pena esperar, que a tua missão era precisamente preparar o Seu caminho. A Bíblia não nos dá muitas pistas sobre como foi o teu chamamento. Mas Deus também a ti te deve ter dado a oportunidade de dizer não. De não ter que ir para o deserto viver como um asceta, de não ter de denunciar o que ia mal no teu tempo, de não ter que ir preso como consequência de uma opção muito concreta para a tua vida. Mas assim, quem prepararia o caminho de Jesus? A tua missão era só tua, mais ninguém a poderia fazer. É assim Deus com o homem. O Seu amor é específico, somos insubstituíveis para Ele.

Este ano a comunidade Verbum Dei convida-nos a rezar o Sl 104, vs 30: *“Ide e renovareis a face da terra”*. Está aqui implícita a promessa de Jesus, de um mundo indiscutivelmente melhor, de que nos fala a primeira leitura. A mesma resposta que Jesus dá aos discípulos de João. E esta promessa cumpre-se? Talvez não na totalidade, mas os muitos “sins” do dia-a-dia mudam realmente a face da terra. (Repito: Deus capacita-me a mudar a face da terra). E se João dissesse “não”? Os seus discípulos também não iriam seguir Jesus. A Terra estaria consideravelmente diferente.

S. João foi provavelmente o primeiro Cristão porque se atreveu a seguir Jesus e a dizer “sim”, sem nunca ter escutado a sua pregação. Dá a vida sem ter a certeza de quem realmente Ele é.

Acreditar sem ver. A dúvida deu lugar à fé. Que bom que é termos dúvidas na nossa vida, termos esta liberdade de Deus para escolhermos, para sermos livres, para compreendermos que somos amados.

S. João Baptista ajuda-me a manter o meu otimismo. A estar atento, mesmo na adversidade, aos sinais de Deus. A acreditar neste Mundo melhor, que Deus nos promete. Ajuda-me a renovar um bocadinho a face do meu mundo. A acreditar nesta renovação.



*Hei-de louvar o SENHOR, enquanto viver;
enquanto existir, hei-de cantar hinos ao meu Deus.
Não ponhais a vossa confiança nos poderosos,
nem nos homens, pois eles não podem salvar.
Mal deixam de respirar, regressam ao pó da terra;
nesse mesmo dia acabam os seus projectos.
Feliz de quem tem por auxílio o Deus de Jacob,
de quem põe a sua esperança no SENHOR, seu Deus.
Ele criou os céus, a terra e o mar
e tudo o que neles existe.
Ele é eternamente fiel à sua palavra;
salva os oprimidos, dá pão aos que têm fome;
o SENHOR liberta os prisioneiros.
O SENHOR dá vista aos cegos,
o SENHOR levanta os abatidos;
o SENHOR ama o homem justo.
O SENHOR protege os que vivem em terra estranha
e ampara o órfão e a viúva,
mas entrava o caminho aos pecadores.*

*O SENHOR reinará eternamente!
O teu Deus, ó Sião, reinará por todas as gerações!
Aleluia!*

(SI 146)

Jesus vem renovar a face da terra

Is 7,10-14 «Pede um sinal ao Senhor, teu Deus, quer nas profundezas do abismo, quer lá em cima nas alturas. (...) Por isso, o próprio Senhor vos dará um sinal: Há-de a Virgem conceber e dar à luz um filho, a quem porá o nome de Emanuel». (Is 7)

Sl 23 (24)

Rm 1,1-7

Mt 1,18-24

«O nascimento de Jesus deu-se do seguinte modo: Maria, sua mãe, tornara-se noiva de

José e, antes de terem vivido em comum, encontrara-se grávida, por virtude do Espírito Santo.

Mas José, o esposo dela, que era justo e não queria expô-la à difamação, resolveu repudiá-la em segredo. Tinha ele assim pensado, quando lhe apareceu em um sonho o Anjo do Senhor, que lhe disse: “José, filho de David, não tenhas receio de trazer Maria, tua esposa para junto de ti, pois o que nela se gerou é fruto do Espírito Santo. Dará à luz um Filho, ao qual porás o nome de Jesus, pois Ele há-de salvar o seu povo dos seus pecados”. (...) Assim que despertou do sono, José fez como lhe ordenara o Anjo do Senhor e trouxe a esposa para junto de si.» (Mt 1)



Senhor, dá-me um sinal!

Quantas vezes já me dirigi a Deus Pai, com maior ou menor convicção, a pedir-Lhe que me dê um sinal?

Um sinal da sua Presença em mim, na minha vida, no outro, naquela situação concreta, no mundo...

Um sinal do seu Amor grande, incondicional, gratuito, universal, maior do que a vida e a morte!

Um sinal da sua Vontade para a minha vida: Faço isto ou aquilo? Vou por aqui ou por ali?

Sinto que não devemos ter receio ou timidez em pedir, em oração, tudo o que precisamos.

E depois?

Depois, é preciso esperar, esperar, estar atento, estar atenta...

Por vezes, fico à espera e parece que nada acontece...

Outras vezes, sei que Deus me fala de muitas formas e através de vários acontecimentos e vivências...

Também experimento que quando menos esperamos, na vida de cada dia, Deus manifesta-se...

Preciso de estar atenta, aberta e disponível aos sinais que vou recebendo da parte do Senhor. Acolhê-los sem receio ou desconfiança, mesmo que pareçam estranhos ou desajustados.

E, tal como aconteceu a S. José, reconhecer a tua presença e a tua vontade, e ter a fé suficiente para seguir os caminhos que apontas...

Se o fizermos, seremos também nós próprios sinais de Deus para os outros, seremos facilitadores / colaboradores do nascimento de Jesus.

E o mundo precisa que Jesus continue a nascer, em cada dia, em cada momento, em cada canto, em cada ser humano... pois Jesus é o grande sinal de Deus para cada um de nós, para nos recordar cada dia que nos ama e está connosco para sempre!

O Tempo de Advento é um tempo de espera, de espera confiante e ativa, é tempo de esperança. Deus nunca nos defrauda!

Que neste tempo de Advento possamos acolher e continuarmos a receber na nossa vida o Deus que vem para estar com cada um de nós!

Vem, Jesus, renovar a nossa vida, renovar a face da terra!

Para aprofundar:

- Senhor, que sinais te peço hoje?
- Como posso viver mais atento(a) às tuas manifestações?
- Como faço o discernimento das tuas respostas, da tua vontade para a minha vida?
- Neste tempo de Advento / Natal, como posso ajudar-Te a nascer – em mim? Na minha casa? Na minha família? No meu local de trabalho? Na comunidade? Nos ambientes que frequento?
- Estou consciente de que, pela minha obediência na fé, continuo hoje a obra do Espírito Santo?

Os cinco silêncios de São José

O nome “José”, traduzido, livremente, significa “o acréscimo de Deus”. Deus acrescenta algo mais ao que já foi dito, pedido, prometido e anunciado a Maria, no dia da anunciação.

Há silêncio que não é ausência de comunicação e nem indiferença, mas plenitude, quando é ativo, fecundo, comunicativo, mistério e revelação. Assim foram os cinco silêncios de São José.

Primeiro, o silêncio de uma noite de repouso. Num quarto de dormir, em Nazaré, São José desvendo o mistério escondido no coração da sua esposa: “José, seu marido, era justo, e não querendo denunciá-la, resolveu abandoná-la em segredo” (Mt 1,19), ou seja, em silêncio. É no silêncio que este homem bom, justo e de fé decide não abandonar Maria para não lhe causar constrangimentos e danos morais. Será que sabemos silenciar para salvar vidas, proteger pessoas, defender causas?

Segundo, o silêncio da reflexão: “Enquanto pensava nisso...” (Mt 1,20). A reflexão fez São José adquirir a iluminação que precisava para curar as feridas interiores da alma e compreender a vontade Deus de Deus a seu respeito. Deus se revela a São José enquanto pensa, reflete e reza. Maria, sua esposa, também guardava todas essas coisas no seu coração (cf. Lc 2,19.51). Será que somos capazes de pensar, refletir e, silenciosamente, rezar, para entender, antes de agir, não levados pela emoção e sentimentos de revolta e de vingança?

Terceiro, o silêncio do sono da noite. Por meio do Anjo, Deus se revela a São José, consagra-o e capacita-o para a missão de tutor de Jesus: “Apareceu em sonho o anjo e disse-lhe: José não tenha medo de receber Maria com sua esposa” (Mt 1,20b). O sono na

bíblia, diferente da nossa compreensão, tem valor e estado de revelação. Deus se revela no sono e, através dele, se comunica com as suas criaturas. Será que ainda sabemos sonhar e interpretar os sonhos reveladores de Deus ou perdemos a capacidade de sonhar?

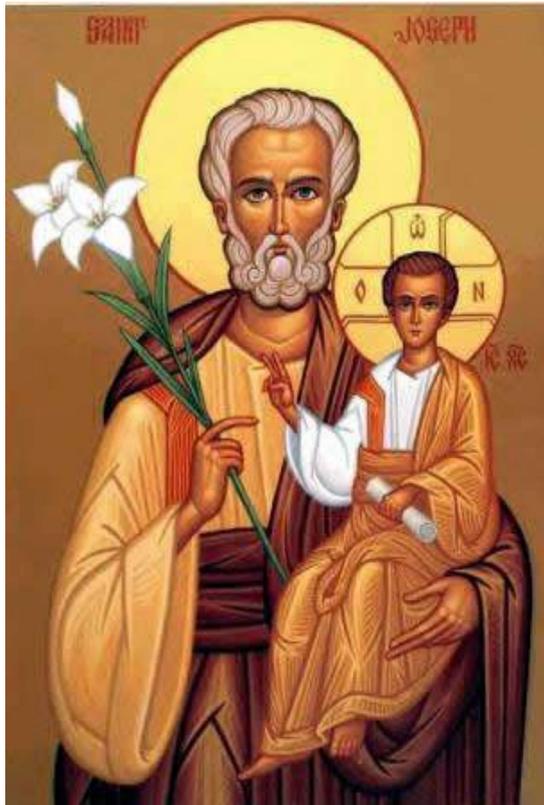
Quarto, o silêncio, no qual assume o compromisso de dar nome a Jesus: “Maria dará à luz a Jesus e tu lhe darás o nome de Jesus” (Mt 1,21). Dar nome ao filho era a função jurídica do pai. A mãe dava à luz; o pai dava o nome. Assim os dois participavam, em pé de igualdade, da maternidade e da paternidade do seu filho. Além disto, o nome para o semita, diferente dos nossos, é o destino e a missão da pessoa. Aqui se revela a eloquência e a fecundidade do sonho de São José: “Jesus = Yeshuá = Deus nos salva dos nossos pecados”. São José, o primeiro a ser chamado a dar nome a Jesus, torna-se o apóstolo do evangelho. A função do missionário é dar, gravar o nome a Jesus no coração da humanidade. “Ao nome de Jesus todo joelho se dobra no céu, na terra e no inferno, e toda língua proclama: Jesus é o Senhor para a glória de Deus Pai” (Fl 2,10-11). São José é, portanto, o primeiro anunciador, comunicador e evangelizador do santo nome de Jesus. Será que estamos dando ou tirando a oportunidade de quem ainda não crê suficientemente receber de presente o nome de Jesus?

Quinto, o silêncio que acolhe a revelação: “José, quando acordou do sono, fez como o anjo o havia mandado” (Mt 1,24). Maria, sua esposa, também disse: “façam tudo o que ele disser” (Jo 2,5). Será que somos dóceis ao Anjo e ao Espírito quando nos falam e nos orientam nos caminhos da vida? Ou não lhes estamos dando ouvidos?

Quais destes silêncios eu pratico ou tenho dificuldade de praticar?

Silenciar, ouvir Deus e agir foi o que fez São José, eis a nossa missão. Eis o que disse o Papa Francisco: “Eu gosto muito de São José porque é um homem forte e de silêncio. No meu escritório, eu tenho uma imagem de São José dormindo, e dormindo, ele cuida da Igreja. Quando eu tenho um problema ou uma dificuldade, escrevo o num papelzinho e coloco-o debaixo de São José, para que ele sonhe sobre isso. Isso significa: para que ele reze por este problema”.

(Dom Pedro Brito Guimarães, em Arquidiocese de Palmas,
21 de março de 2016)



parte II

Natal

Natal, finalmente!

- Is 9,1-6 «O povo que andava nas trevas viu uma grande luz; para aqueles que habitavam nas sombras da morte uma luz começou a brilhar...» (Is 9)
- Sl 95 (96) «Enquanto ali se encontravam, chegou o dia de Maria dar à luz e teve o seu Filho primogénito. Envolveu-O em panos e deitou-O numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria. Havia, naquela região, uns pastores que viviam nos campos e guardavam
- Tt 2,1-14
- Lc 2,1-14

de noite os rebanhos. O Anjo do Senhor aproximou-se deles e a glória do Senhor cercou-os de luz; e eles tiveram grande medo. Disse-lhes o Anjo: “Não temais, porque vos anuncio uma grande alegria para todo o povo: nasceu-vos hoje, na cidade de David, um Salvador, que é Cristo Senhor. Isto vos servirá de sinal: encontrareis um Menino recém-nascido, envolto em panos e deitado numa manjedoura”.» (Lc 2)

E escrevo estas pistas muito antes do Natal. Espero, ardentemente, por um Natal, o do dia 25 ou qualquer outro dia. O Natal em que possa viver o renascimento de Jesus no meu coração, em que renasce a luz e a esperança. Espero, ardentemente, pela estrela que indica o caminho, e pelo próprio caminho a percorrer.

Dou-me conta, contudo, que todos os natais têm um advento que nos prepara para o grande dia. Porque todos os “grandes dias” têm também um longo caminho por trás. Aqui não há enganos: só chegamos onde os nossos pés (razão e coração) nos levarem.

E é aqui que estou, mais ou menos como Maria no seu Advento: à espera, entregando as suas perguntas sem resposta nas mãos de Deus. Perante as incertezas, as incredibilidades, Maria agradece! Quantas vezes me falta esta gratidão pelo que vivo, pela minha vida indivisível em que devia caber tudo em perfeita unidade: o “bom” e o “mau”, mas que está cheia de compartimentos. Por tudo isto, ter sido convidada a escrever sobre o Natal foi para mim uma consolação.

Hoje mesmo, falei com um amigo que acabou de regressar de uma peregrinação a Santiago de Compostela. Vem radiante, uma felicidade genuína e cheio de confiança de que, apesar do desemprego e do divórcio recentes, intui que a vida pode ser plena e que vale a pena o risco de tomar opções questionáveis mas corajosas. Sabia que este caminho seria importante para ele e todos os dias lhe mandava uma mensagem. Uma delas é do diário de Ety Hillesum, que coloquei no final destas pistas. Este entendimento da Vida no seu todo é onde eu desejo chegar. Quero um dia, como Ety, afirmar com esta profundidade *“Eu acho a vida bela e sinto-me livre. Os céus dentro de mim são tão vastos como os que estão por cima de mim”*. É um longo caminho até lá...

Em Isaías vejo o início deste caminho para a plenitude: *“uma luz começou a brilhar”*. A nossa relação com Deus, quando *“habitamos nas sombras da morte”*, traduz-se numa presença indelével de esperança. Ainda não conseguimos perceber muito bem o como nem o porquê, nem o que está por trás daquela luz ao longe, mas aquela luz é já uma semente de esperança. Qualquer coisa nos faz acreditar que aquelas sombras não são de morte mas de uma vida tão grande que ainda nem a conseguimos ver. É para esta Vida que somos chamados e para a qual Deus se fez homem.

Rezar as leituras da noite de Natal é também um convite a meditar sobre a simplicidade, desinstalação, aceitação e confiança. A falta de lugar na hospedaria, a manjedoura em vez de um berço, o bebé envolto em panos, os pastores em vez de toda a família... É na pobreza e simplicidade que Jesus se dá a conhecer. Será que o vejo quando estou cheia de mim? *“Cheio de si próprio”* pode ser muita coisa, e diferente para cada um. Para mim, e arrisco-me a dizer que é o mesmo em pessoas muito próximas, significa estar demasiado centrada nas minhas preocupações, ansiedade, desgostos, culpa e remorsos de coisas insignificantes. Como é que Deus poderia nascer no meio de tanta confusão?!

Senhor, dá-me a tua luz. Só Tu me podes dar uma vida nova. Ajuda-me a esvaziar-me de mim, a deixar ir tudo o que é supérfluo. Este Natal, e todos os dias, quero estar disponível para receber os Teus sinais, para Te encontrar na oração, para realizares em mim, e em quem te seguir, a promessa de uma vida nova.



"(...) Podem tornar-nos as coisas algo complicadas, podem roubar-nos alguns bens materiais, alguma aparente liberdade de movimentos, mas somos nós que cometemos o maior roubo a nós próprios, roubamo-nos as nossas melhores forças através da nossa mentalidade errada. Através de nos sentirmos perseguidos, humilhados e oprimidos. Através do nosso ódio. Através de fanfarronice que esconde o medo. Bem podemos, às vezes, sentirmo-nos tristes e abatidos por causa daquilo que nos fazem, isso é humano e compreensível. Porém, o maior roubo que nos é feito somos nós mesmos que o fazemos. Eu acho a vida bela e sinto-me livre. Os céus dentro de mim são tão vastos como os que estão por cima de mim. Creio em Deus e creio na humanidade, e aos poucos vou-me atrevendo a dizê-lo sem falsa vergonha. A vida é difícil, mas isso não faz mal. Uma pessoa deve começar a levar-se a sério e o resto segue por si mesmo. E 'trabalhar a própria personalidade' não é certamente um individualismo doentio. E uma paz só pode ser verdadeiramente uma paz mais tarde, depois de cada indivíduo criar paz dentro de si e banir o ódio contra o seu semelhante, seja ele de que raça ou povo for, e o vença e o mude em algo que deixe de ser ódio, talvez até em amor ao fim de um tempo, ou será isto pedir demasiado? Contudo é a única solução."

(In Diário de Etty Hillesum)

A Família de Jesus

- Sir 3,2-6.12-14 «Por aqueles dias, César Augusto decretou que se promovesse um recenseamento em todo o Império Romano. Assim, que todos fossem inscrever-se, cada qual no seu próprio povoado. Também José, foi a Belém, a cidade de David, para inscrever-se, juntamente com Maria, sua esposa. Ela encontrava-se grávida e, enquanto ali estavam, cumpriu-se o tempo» (Lc 2, 1-5)
- Sl 127 (128)
- Col 3,12-21
- Mt 2,13-15.19-23



Para a Igreja, é importante a família, tanto que lhe dedica um dia no seu calendário litúrgico. Para dar peso e fundamento à estrutura familiar, tem um grande exemplo: José, Maria e Jesus. Uma família a que chamamos Sagrada, o que não quer de todo dizer que paire nas nuvens.

Procuro as leituras do dia 30 de Dezembro, quero rezar, porque creio na família e gostaria de ajudar a valorizá-la, num momento em que está tão vituperada e, inclusivamente, posta em causa.

As leituras - Sir 3,2-6.12-14, Sl 127,1-5, Col 3,12-21, Mt 2,13-15.19-23 - surpreenderam-me. Dar como exemplo a Família de Nazaré, num momento que experimenta tantas dificuldades? Não têm outra passagem mais feliz, menos problemática? Tenho a tentação de folhear as páginas da Bíblia e encontrar outro momento, mais atrativo, para que as famílias se animem; dou voltas e mais voltas às páginas dos Evangelhos e não consigo encontrar mais do que pobreza na gruta de Belém, dor na apresentação de Jesus no templo, angústia na matança dos inocentes, medo e surpresa na desapareição de Jesus, na Sua peregrinação ao templo, fuga e desterro na Sua marcha para o Egipto, trabalho duro e vida escondida em Nazaré, incompreensão, juízos infundados, condenações invejosas. E tudo se passou entre um anúncio prometedo e um final desconcertante, a promessa concretizada em morte, a vida pendurada numa cruz.

De muita autenticidade teve de ser a história desta família para não se ter podido adorná-la; foi impossível edulcorá-la, e, ainda menos, pintá-la de cor-de-rosa.

É a história de uma família, pais e um Filho, e é a história de muitas mais; e é assim que podem ser exemplo, só assim podem ser testemunho, desta maneira, sendo o espelho onde muitas famílias podem rever-se e encontrar o sentido a dar às suas vidas familiares.

Olhando para a Família de Nazaré, deparamo-nos com uma família coerente para lá das incompreensões e que, dir-se-á, crê mais nos projetos de Deus do que nas críticas dos homens, *“porque nada é impossível a Deus”* (Lc 1,37), sabemos que acima das suas dificuldades está o ir ao encontro dos demais e dar-lhes a ajuda de que possam necessitar. *“Naqueles dias, Maria levantou-se e dirigiu-se com prontidão à região montanhosa, a uma cidade de Judá, para ajudar a sua prima Isabel”* (Lc 1,39); sentimos a força de uns pais cujo Filho nasce na pobreza, deslocado por exigências políticas, *“Por aqueles dias, César Augusto decretou que se promovesse um recenseamento em todo o Império Romano. Assim, que todos fossem inscrever-se, cada qual no seu próprio povoado. Também José, foi a Belém, a cidade de David, para inscrever-se, juntamente com Maria, sua esposa. Ela encontrava-se grávida e, enquanto ali estavam, cumpriu-se o tempo”* (Lc 2, 1-5); e também sentimos a sua ternura, acolhendo-o e dando-lhe o calor e o carinho que não dão as coisas, mas que, isso sim, dá o amor *“Assim que deu à luz o seu Filho Primogénito, envolveu-O em panos e deitou-O numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem”* (Lc 2,7).

Encontramos uns pais responsáveis, cumprindo os requisitos religiosos da apresentação e visita ao templo, *“E quando se cumpriram os dias da purificação deles, conforme a lei de Moisés, trouxeram-No a Jerusalém, para apresentá-Lo ao Senhor”* (Lc 2,22), *“Os pais de Jesus subiam todos os anos a Jerusalém, para a festa da Páscoa. Quando completou doze anos, foram lá, segundo era costume”* (Lc 2,42). Educam o Filho na crença num Deus de bondade, libertador, amigo, e que o Menino, na Sua vida adulta, reconhece como Papá, e Pai de todos. Entregam-se, sem compreender muito bem, fogem, evitando o perigo de morte. Cumprem os projetos de Deus, amam com absoluta gratuidade e desprendimento, que é como se deve amar, secundam o seu Filho nas Suas vivências profundas, que, por dentro, O vão

transformando em defensor dos pobres, amante das crianças, amigo de prostitutas e pecadores, sanador de doenças, transgressor e rebelde perante as injustiças, comprometido com o Reino.

A família de Jesus, resume vida, paixão, amor e compromisso. Assim devem ser as famílias que podem criar futuro, que têm o cimento adequado, que são células de sociedades sãs e Igrejas domésticas da Igreja universal.

Creio que se as famílias que atualmente vivem situações de dificuldades, desterro, pobreza, guerra, perseguição, incompreensão e, inclusive, a morte, souberem voltar os olhos para a Sagrada Família, encontrarão força para continuar, motivos para lutar, paz nas suas angústias, alegria no pequeno, caminhos com metas; e serão renovadoras da face da nossa terra.

O Papa e a Sagrada Família

“Hoje, o Evangelho apresenta-nos a Sagrada Família pelo caminho doloroso do desterro, em busca de refúgio no Egito. José, Maria e Jesus experimentam a condição dramática dos refugiados, marcada por medo, incerteza, incómodos. Jesus quis pertencer a uma família que experimentasse estas dificuldades, para que ninguém se sinta excluído da proximidade amorosa de Deus. Recordemos as três palavras-chave para viver em paz e alegria na família: consentimento, agradecimento, perdão.”

(Palavras do Papa Francisco)



Começar de novo

- Nm 6,22-27 «(...) Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da Lei, para
- SI 66 (67) resgatar os que se encontravam sob o domínio da Lei, a fim de recebermos a adoção de filhos.
- Gl 4,4-7 E porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho (...) já não és escravo mas filho; e se és filho, és também
- Lc 2,16-21 herdeiro, por graça de Deus.» (Gl 4, 4-7)



Um novo ano que começa. Entre as passas e o champanhe formulamos desejos e renovamos a esperança num amanhã mais sorridente. E, no entanto, parece que os festejos por esta rotação “especial” da Terra são claramente exagerados: está tudo “na mesma”. Continuamos sob o domínio da lei do mais poderoso, do mais rico, do mais influente; uma lei injusta, que destrói, que vai contra a sua própria razão de ser. Tal como no tempo de Jesus acontecia com a Lei de Moisés, também hoje a lei é aplicada de forma diferente a uns e a outros. E o sentimento de impotência para mudar o mundo é enorme.

Um novo começo não deveria estar associado a esperança? Claro que sim! Mas para ela existir e conseguirmos mantê-la viva, temos que ser resgatados (diariamente) por Cristo. A densidade das palavras de São Paulo é tão grande que temos que as “digerir” devagarinho, saboreando bem, para não correremos o risco de perder uma migalhita. A nossa situação no mundo é tão difícil que Deus nos enviou “o seu Filho”. Não foi um anjo ou um profeta, foi o seu Filho. Mas fê-lo nascer de uma mulher e sob o domínio da Lei, tal como todos nós. E enviou-O para nos resgatar “a fim de recebermos a adoção de filhos”. O nosso resgate é condição essencial para recebermos a adoção. Só devidamente libertos das tais “leis” que nos dominam é que podemos prosseguir o caminho para o Pai.

Senhor, de que me queres resgatar? Qual é a parte que me cabe nessa Tua missão?

Como pai, é para mim muito gráfica a ideia de Deus que nos recebe como filhos adotivos. É das imagens mais bonitas do Evangelho, e a que mais me acompanha e ajuda. Mas esta perspetiva de sermos nós a receber a adoção é algo para aprofundar nos próximos tempos. Será o tal resgate a abertura do nosso coração a esta

realidade de filhos de Deus? Mudar, seja o que for, não é tarefa fácil nem que se faça sozinho. Por isso o Pai envia-nos o Espírito de Jesus. Diretamente aos nossos corações, talvez para evitar que racionalizemos muito e comecemos a achar que só a nossa força chega... Transformados em filhos, habitados pelo Espírito de Jesus, falta-nos tomar consciência que somos também herdeiros do Pai.

Senhor, o que é ser teu herdeiro? O que me destinas em testamento?

Hoje é também a Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus. O que mais me toca é a forma como Maria vivia uma realidade que a superava largamente com tanta serenidade: *“Quanto a Maria, conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração.”* (Lc 2, 19). Quantas vezes nos sentimos esmagados pela nossa realidade? Olho para Maria, lembro-me da minha própria mãe e a forma doce e serena como sempre viveu, e talvez o segredo seja mesmo este, de conservar tudo, ponderando no coração, onde o Espírito de Jesus quer habitar.

Mãe

*Vais-te despedindo devagar,
Cumprindo a promessa de nunca me deixar.
Tudo fizeste com amor e delicadeza,
A insegurança tornaste firmeza.*

*Não sei como conseguias mamã,
Ver sempre a luz da nova manhã,
Quando parecia só haver trevas e dor,
Cantavas graças e glória ao Deus do Amor.*

*Rezo a Maria como tu me ensinaste:
“Ajuda-me a confiar como tu confiaste”.
Ele nunca deixa só o nosso coração,
Ainda que um dia não me dês mais a mão.*

(JM, 2016)



A Estrela que nos guia

Is 60,1-6 «Tendo Jesus nascido em Belém, de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que magos vieram do

SI 71 (72) Oriente a Jerusalém. Perguntaram eles: Onde está o Rei dos Judeus que acaba de nascer?

Ef 3,2-3a.5-6 Vimos a sua estrela no Oriente e vimos adorá-lo. A esta notícia, o rei Herodes ficou

Mt 2,1-12 perturbado e toda Jerusalém com ele. Convocou os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo e indagou deles onde havia de

nascer o Cristo. Disseram-lhe: em Belém, na Judeia, porque assim foi escrito pelo profeta: e tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as cidades de Judá, porque de ti sairá o chefe que governará Israel meu povo (Miq. 5, 2). Herodes, então, chamou secretamente os magos e perguntou-lhes sobre a época exata em que o astro lhes tinha aparecido. E, enviando-os a Belém, disse: Ide e informai-vos bem a respeito do menino. Quando o tiverdes encontrado, comunicai-me, para que eu também vá adorá-lo. Tendo eles ouvido as palavras do rei, partiram. E eis que a estrela, que tinham visto no oriente, os foi precedendo até chegar sobre o lugar onde estava o menino e ali parou. A aparição daquela estrela os encheu de profunda alegria. Entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se diante dele, o adoraram. Depois, abrindo seus tesouros, ofereceram-lhe como presentes: ouro, incenso e mirra. Avisados em sonhos de não tornarem a Herodes, voltaram para sua terra por outro caminho.» (Mt 2, 1-11)

Este texto é, de facto, muito rico, colorido e dinâmico. Se nos deixarmos levar pela nossa imaginação, deparamo-nos com **imagens que envolvem movimento, caminho, viagem, procura para encontrar Jesus. E tudo na sequência de uma grande notícia: a de que Jesus nasceu e está connosco, na nossa vida!** E este caminho, esta procura, esta ânsia de seguir os sinais para encontrar e adorar Jesus mais não é do que o nosso caminho de fé, por vezes com mais cor e luz a alegrarem e a iluminarem a estrada que temos de percorrer, outras vezes imerso na escuridão e no cinzento do pouco que conseguimos compreender e que nos faz procurar novamente a luz e a cor para os nossos dias.

Antes de mais, note-se que **os magos vêm do Oriente até Jesus, seguindo uma estrela.** Para tal, é preciso estar atento, olhar para o alto, dedicar diariamente tempo e espaço a olhar e a escutar... a estrela, os sinais de Deus. Encontrá-los-emos dentro de nós, no silêncio, em oração, em busca de nós mesmos e do amor de Deus dentro de nós. Somente pela oração conseguiremos sentir o amor de Deus por nós, que somos sua obra e criação e que temos uma missão neste mundo. Somente pela oração conseguiremos identificar o que nos é pedido em cada momento.

Será que temos procurado a estrela que queremos que nos guie? Será que tenho criado e oferecido tempo de paragem, escuta e contemplação, ou seja, de oração? Às vezes, quando nos sentimos na escuridão ou com menos luz, mesmo que não estejamos – ou que pareça que não estejamos – a receber iluminação de Deus, a verdade é que, se olharmos um pouco para trás e virmos o caminho feito, sentimos que temos sido orientados e que temos construído o nosso caminho, ainda que lentamente, pelo que fortalecemos a nossa confiança em Deus e de que, com Ele, iremos encontrar o sentido que temos de seguir.

Outro aspeto que assalta a nossa imaginação é o contexto espacial e temporal do nascimento de Jesus: **nasceu em Belém de Judá, nas circunstâncias que conhecemos, no tempo do rei Herodes**. É pela autoridade da época que o tempo é marcado. Herodes representa a autoridade terrena, uma pessoa que se guia apenas pelos fins terrenos, de manter o seu reinado a todo o custo, de salvar a sua vida e exercer o seu poder, mandando chamar os magos, querendo obter informação sobre o momento em que lhe havia aparecido a estrela e o local onde Jesus teria nascido, recorrendo às pessoas que o rodeavam para se informar sobre o nascimento de Jesus, não para O adorar verdadeiramente, mas com um intuito negativo de lhe fazer mal.

Assim, um desafio que nos é colocado é o de identificar, na nossa vida, que pessoas, situações, circunstâncias, reinados, nos fazem desviar do amor e da adoração de Jesus e nos impedem de abrir o nosso coração e chegarmos até Ele, de vivermos como Ele, de amarmos como Ele nos amou? Será que me coloco mais na posição de Herodes, defendendo o “meu” reinado a qualquer custo, não querendo concorrência, comparando-me e competindo com outros, atuando de forma pouco clara ou, pelo contrário, vivo na posição dos reis magos que percorrem um longo caminho na verdade, na procura, na atenção à luz para chegar até Jesus? Em que lugar me encontro hoje, neste Natal? Encontrei Jesus e estou a gozar a alegria de o amar ou estou focada em manter o “meu” reinado, a “minha” imagem, as minhas falsas seguranças? Será que nos temos de distanciar ou mudar a forma de viver alguma situação, pensamento, comportamento para nos libertarmos para o amor?

E que fizeram os reis magos quando encontraram Jesus? *“A aparição daquela estrela os encheu de profunda alegria. Entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se diante dele, o adoraram. Depois, abrindo seus tesouros, ofereceram-lhe como presentes: ouro, incenso e mirra”*.

Um sinal de que encontramos Jesus, de que estamos Nele, é a profunda alegria que sentimos, o arder do coração, que nem sempre sentimos na nossa vida, mas relativamente ao qual temos de estar atentos para nos deixarmos guiar. Um pouco como aquele jogo de crianças em que se esconde um brinquedo para ser encontrado e a pessoa que o vai procurar é guiada pelas indicações quanto à temperatura: “morno, quente, agora ficaste mais frio, quente, a ferver, escaldou!”.

Quando O encontraram, os magos adoraram-nO e ofereceram os seus tesouros, presentes, o que de melhor tinham. O maior reflexo do amor de Deus e, conseqüentemente, do nosso amor pelo outro é a **generosidade e o serviço**, ou seja, a abertura do nosso coração para dar e servir o outro. E isso



somente se consegue se se agir por AMOR, se o amor for o fim em si mesmo da nossa atitude. Somente assim se poderá dar sem quantificar, largando a nossa lógica matemática e proporcional. Dar um presente é fazermo-nos presentes, chegarmos à pessoa, mostrar-lhe que pensamos nela, que ela é importante para nós, sorrir-lhe, fazê-la sentir parte da nossa vida, mostrar-lhe que ela é essencial. O melhor bem que podemos dar é o nosso tempo, o nosso ouvido, a nossa presença, a nossa compreensão, o nosso sorriso, o nosso abraço, a nossa marca e confiança, o nosso sinal de que a pessoa é importante. O que somente se consegue por amor, sendo que o que fizemos aos outros, é a Jesus que o fazemos. No musical de Calcutá, é contada uma história sobre a Madre Teresa de Calcutá em que alguém lhe perguntava como ela era capaz de dar banho a um leproso, pois essa pessoa dizia que nem por um milhão de dólares conseguiria dar banho a um leproso. Ao que a Madre Teresa de Calcutá terá respondido: “tens razão, eu também não

conseguiria dar banho a um leproso por um milhão de dólares. Só o consigo por amor”.

Como nos temos dado na nossa vida aos outros? E como e porque damos? Sempre com alguma expectativa de recebermos algo em troca, de sermos notados ou reconhecidos, de obtermos pelo menos um agradecimento? Conseguimos por vezes dar e largar, apenas por amor? O que temos dado do nosso tesouro? Aquilo que temos a mais e que sobra ou, por amor, temos tentado ir mais além e darmos aquilo que, por vezes, nos é difícil dar, largar, independentemente do motivo? E quando recebemos, fazemo-lo humildemente e agradecidos, permitindo e dando lugar ao outro também de se dar e de nos amar, porque ele também precisa de ter o seu lugar? O que nos tem movido nas nossas ações, ideias, decisões? O amor, o desejo de ser melhor e de amar mais, a aspiração de encontrar e viver em Jesus? O que podemos fazer para amar melhor a Deus, ao marido/à mulher, aos filhos, à nossa família mais alargada, aos mais velhos, aos amigos, às pessoas que trabalham connosco, àqueles de quem não gostamos ou que não gostam de nós?

“Avisados em sonhos de não tornarem a Herodes, voltaram para a sua terra por outro caminho”. Em que fase da vida nos encontramos? Como está a nossa vida neste momento: com um sentido iluminado que nos faz viver em paz e com disponibilidade para dar ou numa encruzilhada em que é preciso tomar as rédeas e nos renovarmos? Onde tem Jesus de nascer na nossa vida? Onde vimos e que caminho temos de seguir? Temos de mudar de rota? Em oração, e sentindo o amor de Deus por nós, deixemo-nos guiar pela luz, quer estejamos em fase iluminada, quer estejamos no meio da escuridão, pois esta faz-nos procurar ainda mais com a confiança de que encontraremos a luz quando tiver de ser. Confiemos que, pela oração e por amor, conseguiremos recolocarmo-nos na estrada certa da nossa vida.

“Em ti pus todo o meu agrado”

Is 42,1-4.6-7 «Então, veio Jesus da Galileia ao Jordão ter com João, para ser batizado por ele. João opunha-se, dizendo: “Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti, e Tu vens a mim?” Jesus, porém, respondeu-lhe: “Deixa por agora. Convém que cumpramos assim toda a justiça.”

Sl 28 (29) João, então, concordou. Uma vez batizado, Jesus saiu da água e eis que se rasgaram os céus, e viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e vir sobre Ele. E uma voz vinda do Céu dizia: “Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado”.» (Mt 3, 13-17)

«Eis o meu servo, que Eu amparo, o meu eleito, que Eu preferi. Fiz repousar sobre ele o meu espírito” (...) Eu, o Senhor, chamei-te por causa da justiça, segurei-te pela mão; formei-te e designei-te como aliança de um povo e luz das nações.» (Is 42, 1.6)





enho andado com esta pergunta às voltas na cabeça e às voltas no coração: o que é que ser batizado traz de diferente à vida de Jesus? O que é que ser batizada traz de diferente à minha vida? Sei que todos nós já nos perguntámos isto algumas vezes ao longo da nossa vida, mas já parámos para ouvir: *“Esta é a minha filha muito amada, na qual pus todo o meu agrado”*?... já ouvimos o Senhor dizer-nos isto hoje?

“Em ti pus todo o meu agrado”... Deus gosta de olhar para mim, de olhar por mim!... Então porque me sinto triste? Porque me aborreço com pequenas insignificâncias? Porque vivo a pensar ou a comparar-me com outros?

Eu sou aquela que Deus ama e em quem põe o seu olhar, o seu amor... Eu, aquela que vê tantas vezes o “copo meio cheio”, aquela que por vezes avança sem saber muito bem por onde vai, meio à toa, aquela que tantas vezes se sente perdida entre aquilo que sonhou e o que vive realmente... Aquela que por vezes se sente infeliz ou insegura, porque lhe parece que o seu casamento anda um pouco perdido também... Porque os seus filhos nem sempre lhe parecem seguros ou bem fortalecidos no amor que lhes temos... Aquela que, por vezes – muitas vezes –, deixa que o medo lhe condicione os passos, as opções... Que confiança me dá o amor do Senhor? Que mudanças me traz o saber-me amada assim por Deus? Que confiança me traz este amor no concreto da minha vida?

Quando começámos a preparar este Caderno, ouvimos umas pistas para darmos início a este caminho que todos percorremos ao longo deste ano litúrgico e nelas falaram-nos dos Magos e de como eles voltaram por outro caminho sem dizerem nada a Herodes... Eles optaram por Deus ainda que isso os fizesse mudar de caminho, fazer um caminho diferente daquele que planearam... Se calhar deram uma volta maior para voltar a casa... Este caminho, de opção

por Deus, fazemos nós todos os dias: nos dias bons, em que conseguimos dizer o nosso sim cheio de certezas, com imensa convicção... E nos dias menos bons, em que o nosso sim sai a custo, mais incerto, mais “baixinho”, às vezes quase impercetível... O que sou eu? Por dentro...? Sou amada de Deus – é isto que me define, que me identifica, que resulta do meu batismo.

“Eis o meu servo, que Eu amparo, o meu eleito, que Eu preferi. Fiz repousar sobre ele o meu espírito” (...) Eu, o Senhor, chamei-te por causa da justiça, segurei-te pela mão; formei-te e designei-te como aliança de um povo e luz das nações” (Is 42, 1.6)

Sobre ti fiz repousar o meu Espírito – na minha pessoa. E é em mim, através de mim que Ele também vive. O lema da comunidade para este ano é “Renovai a face da terra”... Se vivermos a nossa identidade de amados, de filhos, não estaremos também a responder a este desafio? A darmos sinais concretos de esperança? De luz? Gosto imenso de nos imaginar, a todos, como pequenas luzinhas que todos os dias iluminam alguma parte deste mundo, com uma atitude, com uma palavra, até mesmo com um não fazer para não magoar. Já imaginaram a luz que ilumina a Terra?

Ensina-me, Senhor, a confiar em Ti e no Teu amor, a deixá-lo crescer no meu coração ao longo deste ano, a consolidar as minhas raízes em Ti, a deixar que a minha identidade de filha amada transpareça na minha vida.

"Tu és o Meu Filho muito amado"

(...) É interessante Jesus ser batizado por João Batista. Jesus desce lá de Nazaré, que fica um pouco mais a norte, e vem para esta zona do deserto, perto de Jerusalém, mas onde se constrói, de certa forma, uma religião alternativa, reformista em relação a Jerusalém. João Batista é um pregador. Está no deserto, é alguém que quer renovar Israel, reconduzindo a um espírito original. O que é interessante é que Jesus vem para, de certa forma, se ligar a este movimento.

O que é que nós percebemos deste jovem chamado Jesus? Que Ele tem inquietação no seu coração, que Ele tem desejo de mais, que Ele quer outra coisa da vida, que Ele não se satisfaz. Nesta ligação de Jesus ao reformismo de João Batista nós percebemos um coração tão parecido com o nosso, na sua intranquilidade, no seu "ainda não basta, não é só isto, tem de haver outra coisa". As perguntas que habitam o nosso coração são as perguntas que habitam o coração de Jesus.

Ele vem, como vêm tantos que o Evangelho descreve, para ouvir a pregação de João Batista e fazer-se batizar por ele. Mas quando Ele sobe da água, os céus abrem-se e Ele escuta uma voz. Quer dizer, Jesus tem a compreensão de si mesmo, do que Ele é. Porque, nas grandes batalhas da nossa vida, as verdadeiras são aquelas que nos dão a compreensão do que nós somos. Não é uma ideologia, não é lutar por uma coisa fora de nós, mas é uma coisa total, integrada. O que é que eu sou no meio disto tudo? O que faço aqui? Porque é que eu estou aqui? Para onde é que eu caminho? O que é que me move verdadeiramente?

Aquele momento da juventude de Jesus é um momento chave em que Ele tem a compreensão do seu mundo interior, do seu mundo interno, daquilo que Ele transporta. O Evangelho de Marcos mostra-nos esse mundo e, com surpresa, nós ouvimos a voz do Pai dentro do coração de Jesus. E a voz do Pai diz: "Tu és o meu filho

muito amado, em ti Eu coloco todo o meu amor.”

Queridos irmãs e irmãos:

A grande diferença da vida é: que voz é que nós ouvimos no nosso coração? Que voz é que nós ouvimos? Porque podemos viver a ouvir a voz do Senhor severo, daquele que tem expectativas desmesuradas em relação a nós, aquele cujo fantasma nos esmaga, nos trava, nos bloqueia. E a única coisa que fazemos é dizer: “Bem, deixa-me lá esconder isto para dar o que Ele me deu e está tudo resolvido e não me meto em problemas.” E há outra coisa completamente diferente que é cada um de nós sentir, previamente, que isto não tem a ver com méritos, com virtudes, com recompensas. Tem cada um de nós de ouvir previamente no seu coração a voz de Deus que diz: “Tu és a minha filha muito amada, tu és o meu filho muito amado, em ti coloco o meu amor.”

Então, o nosso ponto de partida não é o medo, mas é a confiança. O nosso ponto de partida não é: “O que é que eu posso fazer para que Ele não me caia em cima, o que é que eu posso fazer para que Ele não me julgue, o que é que eu posso fazer para que Ele não me destrua”. Não é a imagem de um Deus insaciável, que encontra em nós sempre coisas erradas – porque Deus olha para nós e pode encontrar sempre coisas erradas. Esta imagem é uma imagem que nos destrói completamente, é uma imagem de Deus que nos trava, que nos prende, nos captura.

Há uma imagem de Deus amor, que está dentro de nós e nos diz: “Tu és o meu filho, tu és a minha filha. Amados.” E, se ouvirmos esta voz no nosso coração, a nossa vida será outra, será uma vida semelhante à vida de Jesus.

Queridos irmãs e irmãos:

Hoje celebramos o Batismo de Jesus e, no Batismo de Jesus, celebramos o nosso próprio batismo. E o que é o Batismo de Jesus? É a compreensão da vida, do ponto de partida da vida. Qual é o teu

ponto de partida? O nosso ponto de partida tem de ser este: a compreensão do amor de Deus. Deus que me ama como eu sou, Deus que se maravilha comigo, Deus que se encanta com a mulher e com o homem que eu sou, tal como sou. Deus que se encanta, Deus que não quer que Eu seja o que eu não posso ser, o que eu nunca vou ser, o que eu devia ser e não sou. Deus que me ama como eu sou e que deposita em mim, de forma incondicional, o seu amor. A grande questão da nossa vida não é o que é que eu faço para saciar um Deus insaciável, mas como é que eu respondo a esta dádiva incondicional de amor que Deus já me deu, que Deus já depositou no meu coração. (...)

Queridos irmãos e irmãs:

Nós mantivemos o presépio até este dia. Podíamos já tê-lo arrumado, domingo passado, depois da festa dos magos, mas quisemos trazê-lo até este dia porque este é o momento do nosso nascimento. O batismo também é um nascimento, também é um presépio e este é o momento em que cada um de nós tem de nascer do amor, calando as vozes erradas que também nos habitam. É importante não deixar falar a escuridão no próprio coração, é importante ter a confiança de dizer ao próprio coração: “Não me enganes, não é assim.” Porque o que está no centro da vida, no centro desta vida revelada por Jesus de Nazaré, é de facto a experiência do amor.

E isto pede de nós uma conversão, uma transformação, uma redescoberta, uma reviravolta.

(Pe. José Tolentino Mendonça, 11/01/2015 Domingo do
Batismo do Senhor – Homilias – Capela do Rato)

parte III

Acolher Deus e deixar-se renovar

Começa mais um ano litúrgico e, depois, também o civil; e com eles vêm todas as nossas esperanças de renovação.

Estes marcos temporais desafiam-nos a recomeçar: renascem ideias, surgem projetos, tentamos viver de uma maneira nova... Mas uma coisa é agirmos por nós, com as nossas iniciativas e energias, outra é deixarmo-nos renovar por Deus. É muito diferente! O mundo à nossa medida é muito pequenino... Só Deus nos alarga o coração (*“Alarga o espaço da tua tenda.”* – Is 54, 2) e nos faz ver mais longe, até ao infinito (*“Olha as estrelas do céu...”* – Gen 15, 5).

O Espírito de Deus tudo cria e tudo renova (cf. salmo 104, 30).

Parece que, às vezes, nos custa a constatar isto – em que, pela fé, acreditamos! – no nosso quotidiano e nas realidades que nos são mais próximas, como a família. Mas o Espírito, que cria e recria, age nos corações de todos os homens, em nós próprios e naqueles que amamos e que vivem connosco. É bom lermos o discurso que o Papa Francisco fez em Cuba aquando da sua visita àquele país, num encontro com famílias: em termos muito concretos, o Papa fala das realidades familiares dos nossos dias e de como, aí, é possível descobrir a presença de Deus.

O Espírito de Deus tudo cria e tudo renova, realmente.

Mas Ele opera e fala de muitos modos, frequentemente através de outras pessoas. Quisemos, por isso, publicar a síntese do que foi debatido e partilhado num recente serão de Revisões de Vida, na Comunidade VD de Lisboa. Sentimos que aquilo que uns rezam e vivem pode ser caminho para outros; precisamente porque Deus age em todos e vem ao encontro de todos.

O Advento e o Natal são tempos fortes de encontro com Deus, de percebermos como Ele veio e vem à História dos homens e à nossa vida, de como Ele cria e transforma.

Jesus quer nascer nos corações de todos, para os fazer novos.

Vem, Senhor Jesus!

Renova a face da terra.



**ENCONTRO COM AS FAMÍLIAS
DISCURSO DO SANTO PADRE**

Catedral de Nossa Senhora da Assunção, Santiago (Cuba)
Terça-feira, 22 de Setembro de 2015

Estamos em família! E quando alguém está em família, sente-se em casa. Obrigado a vós, famílias cubanas! Obrigado, cubanos, por me terdes feito sentir todos estes dias em família, por me terdes feito sentir em casa. Obrigado por tudo isto! Este encontro convosco tornou-se como que «a cereja sobre o bolo». Concluir a minha visita vivendo este encontro em família é motivo para agradecer a Deus pelo «calor» que brota de gente que sabe receber, que sabe acolher, que sabe fazer sentir-se em casa. Obrigado a todos os cubanos!

Agradeço a D. Dionisio García, Arcebispo de Santiago, a saudação que me dirigiu em nome de todos e ao casal que teve a coragem de partilhar com todos nós os seus anseios, os seus esforços para viver o lar como uma «igreja doméstica».

O Evangelho de João apresenta-nos, como primeiro acontecimento público de Jesus, as bodas de Caná, uma festa de família. Está lá com Maria, sua mãe, e alguns dos seus discípulos. Compartilham a festa familiar.

As bodas são momentos especiais na vida de muitos. Para os «mais veteranos», pais, avós, é uma ocasião para recolher o fruto da sementeira. Dá alegria à alma ver os filhos crescerem, conseguindo formar o seu lar. É a oportunidade de verificar, por um instante, que valeu a pena tudo aquilo por que se lutou. Acompanhar os filhos, apoiá-los, incentivá-los para que possam decidir-se a construir a sua vida, a formar a sua família, é um grande desafio para os pais. Os recém-casados, por sua vez, encontram-se na

alegria. Todo um futuro que começa. E tudo tem «sabor» a casa nova, a esperança. Nas bodas, sempre se une o passado que herdámos e o futuro que nos espera. Há memória e esperança. Sempre se abre a oportunidade de agradecer tudo o que nos permitiu chegar até ao dia de hoje com o mesmo amor que recebemos.



E Jesus começa a sua vida pública precisamente numa boda. Inse-
Se nesta história de sementeiras e colheitas, de sonhos e buscas, de esforços e compromissos, de árduos trabalhos lavrando a terra para que dê o seu fruto. Jesus começa a sua vida no interior duma família, no seio dum lar. E é precisamente no seio dos nossos lares que Ele incessantemente continua a inserir-Se, e deles continua a fazer parte. Gosta de entrar na família.

É interessante observar como Jesus Se manifesta também nos almoços, nos jantares. Comer com diferentes pessoas, visitar casas diferentes foi um lugar que Jesus privilegiou para dar a conhecer o projecto de Deus. Vai à casa dos seus amigos – Lázaro, Marta e Maria –, mas – atenção! – não é selectivo: não Lhe importa se há publicanos ou pecadores, como Zaqueu. Vai a casa de Zaqueu. E não era só Ele que agia assim; quando enviou os seus discípulos a anunciar a boa nova do Reino de Deus, disse-lhes: «*Ficai na casa [que vos receber], comendo e bebendo do que lá houver*» (Lc 10, 7). Bodas, visitas aos lares, jantares: algo de «especial» hão-de ter estes momentos na vida das pessoas, para que Jesus prefira manifestar-Se lá.

Lembro-me que, na minha diocese anterior, muitas famílias me explicavam que o único momento que tinham para estar juntos era,

normalmente, o jantar, à noite, quando se voltava do trabalho e as crianças terminavam os deveres da escola. Era um momento especial de vida familiar. Comentava-se o dia, aquilo que cada um fizera, arrumava-se a casa, guardava-se a roupa, organizavam-se as tarefas principais para os dias seguintes, as crianças pegavam-se. Era o momento para isso. São momentos em que uma pessoa chega também cansada, e pode acontecer uma ou outra discussão, um ou outro «litígio» entre marido e mulher. Surgem, mas não há que temer... eu tenho mais medo quando os casais me dizem que nunca, nunca tiveram uma discussão. É raro, muito raro. Jesus escolhe estes momentos para nos mostrar o amor de Deus, Jesus escolhe estes espaços para entrar nas nossas casas e ajudar-nos a descobrir o Espírito vivo e actuante nas nossas casas e nas nossas realidades quotidianas. É em casa onde aprendemos a fraternidade, onde aprendemos a solidariedade, onde aprendemos a não ser prepotentes. É em casa onde aprendemos a receber e agradecer a vida como uma bênção, e aprendemos que cada um precisa dos outros para seguir em frente. É em casa onde experimentamos o perdão, e somos continuamente convidados a perdoar, a deixarmos-nos transformar. É curioso! Em casa, não há lugar para «máscaras»: somos aquilo que somos e, duma forma ou doutra, somos convidados a procurar o melhor para os outros.

Por isso, a comunidade cristã designa as famílias pelo nome de igrejas domésticas, porque é no calor do lar onde a fé permeia cada canto, ilumina cada espaço, constrói comunidade; porque foi em momentos assim que as pessoas começaram a descobrir o amor concreto e o amor operante de Deus.

Em muitas culturas, hoje em dia, vão desaparecendo estes espaços, vão desaparecendo estes momentos familiares; pouco a pouco, tudo leva a separar-se, a isolar-se; escasseiam os momentos em comum, para estar juntos, para estar em família. Assim não se sabe esperar, não se sabe pedir licença, não se sabe pedir desculpa, não se sabe dizer obrigado, porque a casa vai ficando vazia: vazia não de

gente, mas de relações, vazia de contactos humanos, vazia de encontros entre pais, filhos, avós, netos, irmãos. Recentemente, uma pessoa que trabalha comigo contava-me que a sua esposa e os filhos tinham ido de férias e ele ficara sozinho, porque tinha de trabalhar naqueles dias. No primeiro dia, a casa estava toda em silêncio, «em paz», estava feliz, nada estava fora do lugar. Ao terceiro dia, quando lhe perguntei como estava, disse-me: quero que regressem todos já. Sentia que não podia viver sem a sua esposa e os seus filhos. E isto é bonito. Isto é bonito.

Sem família, sem o calor do lar, a vida torna-se vazia; começam a faltar as redes que nos sustentam na adversidade, as redes que nos alimentam na vida quotidiana e motivam na luta pela prosperidade. A família salva-nos de dois fenómenos actuais, duas coisas



que acontecem hoje em dia: a fragmentação, ou seja, a divisão, e a massificação. Em ambos os casos, as pessoas transformam-se em indivíduos isolados, fáceis de manipular, e de controlar. E assim encontramos no mundo sociedades divididas, desfeitas, separadas ou altamente massificadas, que são consequência da ruptura dos laços familiares, quando se perdem as relações que nos constituem como pessoa, que nos ensinam a ser pessoa. E, infelizmente, a pessoa acaba por se esquecer como se diz pai, mãe, filho, filha, avô, avó... de certo modo, vão-se esquecendo estas relações que são o fundamento. São o fundamento do nome que temos.

A família é escola da humanidade, escola que ensina a pôr o coração aberto às necessidades dos outros, a estar atento à vida dos demais. Quando se vive bem em família, os egoísmos diminuem

– existem, porque todos temos algo de egoísta –, mas, quando não se vive uma vida de família, vão-se formando personalidades que poderíamos designar deste modo: «eu, me, mim, comigo, para mim», personalidades totalmente centradas em si mesmas, que nada sabem de solidariedade, de fraternidade, de trabalho em comum, de amor, de discussão entre irmãos. Não sabem. Apesar de tantas dificuldades como estas que afligem hoje as nossas famílias no mundo, não nos esqueçamos, por favor, disto: as famílias não são um problema, são sobretudo uma oportunidade; uma oportunidade que temos de cuidar, proteger, acompanhar. É uma maneira de dizer que são uma bênção. Quando comesas a viver a família como um problema, cansas-te, não caminhas, porque estás muito centrado em ti mesmo.

Discute-se muito hoje sobre o futuro, sobre o tipo de mundo que queremos deixar aos nossos filhos, que sociedade queremos para eles. Creio que uma das respostas possíveis se encontra pondo o olhar em vós, nesta família que falou, em cada um de vós: deixemos um mundo com famílias. É o melhor legado. Deixemos um mundo com famílias. É certo que não existe a família perfeita, não existem esposos perfeitos, pais perfeitos nem filhos perfeitos, nem – eu diria, mas não se aborreçam – sogras perfeitas. Não existem. Não existem, mas isso não impede que sejam a resposta para o amanhã. Deus incentiva-nos ao amor, e o amor sempre se compromete com as pessoas que ama. O amor sempre se compromete com as pessoas que ama. Portanto, cuidemos das nossas famílias, verdadeiras escolas do amanhã. Cuidemos das nossas famílias, verdadeiros espaços de liberdade. Cuidemos das nossas famílias, verdadeiros centros de humanidade. Aqui vem-me à mente uma imagem: uma imagem de quando, nas Audiências das Quartas-feiras, passo a saudar as pessoas, e muitas, muitas mulheres me mostram o ventre dizendo: «Padre, abençoe-mo?» Pois bem! Agora eu vou propor uma coisa a todas as mulheres que estão «grávidas de esperança» – porque um filho é uma esperança

–: proponho-lhes que neste momento toquem o ventre. Se aqui há alguma, faça-o aqui. Ou as que estão a ouvir pela rádio ou pela televisão. E a cada uma delas, a cada menino ou menina que dentro está lá esperando, eu dou-lhe a bênção. Então cada uma toque o ventre e eu dou-lhe a bênção em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. E desejo que venha saozinho, que cresça bem, que o possa criar bonito. Acariciem o filho, que estão esperando.

Não quero concluir sem fazer menção da Eucaristia. Tereis notado que Jesus, como espaço do seu memorial, quis utilizar uma ceia. Escolhe como espaço da sua presença entre nós um momento concreto da vida familiar; um momento vivido e compreensível a todos: a ceia.

E a Eucaristia é a ceia da família de Jesus, que, de um extremo ao outro da terra, se reúne para escutar a sua Palavra e alimentar-se com o seu Corpo. Jesus é o Pão de Vida das nossas famílias, quer estar sempre presente, alimentando-nos com o seu amor, sustentando-nos com a sua fé, ajudando-nos a caminhar com a sua esperança, para que possamos, em todas as circunstâncias, experimentar que Ele é o verdadeiro Pão do Céu.

Daqui a alguns dias, participarei juntamente com famílias de toda a terra no Encontro Mundial das Famílias e, dentro de um mês, no Sínodo dos Bispos, cujo tema é a família. Convido-vos a rezar. Peço-vos, por favor, que rezeis por estas duas intenções, para que saibamos todos juntos ajudar-nos a cuidar da família, para que saibamos cada vez mais descobrir o Emanuel, isto é, o Deus que vive no meio do seu povo fazendo de cada família e de todas as famílias a sua morada. Conto com a vossa oração. Obrigado!

Partilha do Serão de Revisões e Aprofundamentos

Como é que formar apóstolos renova a face da terra?

- A nossa maneira de formar apóstolos e sermos apóstolos, é renovarmo-nos, isto contagia os que estão à nossa volta e dá-se uma renovação em cadeia.
- Formar apóstolos é aprendermos a viver como Jesus nos chama a viver e, se o vivermos, renovamos os ambientes, as relações, deixamos uma semente no coração daqueles com quem nos cruzamos.
- Viver em comunidade -> Criar oportunidades (revisão, oração, etc.) -> dar testemunho -> como? Com palavras e com a vida -> dar testemunho do quê? Do amor de Jesus -> quem? Apóstolos que voltam a criar oportunidades. É viral.
- Eu levo Jesus até ao resto do corpo, com as minhas certezas crio certeza, e com a minha alegria e força, e sendo eu próprio, respondo à fome que há de Jesus no Mundo.

Como é que o testemunho de vida renova a face da terra?

- Partindo da oração mudamos e potenciamos a mudança no mundo;
- Ter um ritmo onde há espaço para a presença de Deus;
- Trabalhar a minha humanidade;
- Alcançar uma realização que não consigo por mim próprio;
- Não entrar no que é mundano;
- Não podemos pedir-Lhe que se conforme com vidas pequenas pois Ele não se conforma.

Como é que o anúncio renova a face da terra?

- O anúncio renova-nos tanto pelo que damos, como pelo que recebemos, quer seja pelo anúncio explícito ou pelo exemplo de vida;
- Testemunhando e vivendo em coerência com o que Jesus nos pede, transformamos a vida de quem está à nossa volta, começando por renovar os seus pequenos gestos;
- Ao anunciar levamos o amor de Jesus a quem não o conhece e renovamos "terrenos bravos", mas também potenciamos o amor de quem já O conhece e vivemos por inteiro esta graça de sermos profundamente amados;
- O anúncio renova a face da terra fazendo com que chegue aos outros e ao mundo aquilo que nos vem de Deus.

Como é que a oração renova a face da terra?

- A oração transforma-nos, logo permite que sejamos veículo (vida orante) de transformação do mundo através daquela que intuímos ser a vontade de Deus;
- A oração transforma-nos, dá-nos um novo olhar e, por ação do Espírito Santo, chega a todo o lado;
- A oração renova a face da terra ao levar-nos ao encontro com Jesus e conosco próprios. Recoloca-nos afetivamente, e com isso ganhamos perspectiva nas situações que vivemos e causamos um impacto diferente no mundo à nossa volta;
- A oração renova a face da terra através das mudanças que opera em nós, a partir da experiência de nos sentirmos profundamente amados e aceites.

Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

Novembro

25 a 27	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio
27	<i>Paróquia C. Grande</i>	Venda de Natal
27	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h

Dezembro

4	<i>Paróquia C. Grande</i>	Missa dos Jovens – 19h15
7	<i>Paróquia C. Grande</i>	Formação de Animadores (Jovens) – 21h
7	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas – 21h30 (Capela 5º andar)
11	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h
13 a 15		Retiro Online – Advento
14	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
15	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas – 21h30 (Capela 5º andar)
16 a 18		Encontro de Natal dos Jovens
18	<i>(Local a confirmar)</i>	Missa de Natal da FaMVD – 17h
20	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura – 21h
22	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas – 21h30 (Capela 5º andar)
31	<i>Casa da Palavraa</i>	Oração Final de Ano – 16h

Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

Janeiro

4	<i>Paróquia C. Grande</i>	Formação de Animadores (Jovens) – 21h
8	<i>Paróquia C. Grande</i>	Missa dos Jovens – 19h15
8	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h
11	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
17	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura – 21h
21	<i>Casa da Palavra</i>	Conselho Apostólico Representativo – 10h
21	<i>Paróquia C. Grande</i>	Compromissos – Missa da Comunidade – 17h
27 a 29	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio

Fevereiro

1	<i>Paróquia C. Grande</i>	Formação de Animadores (Jovens) – 21h
5	<i>Paróquia C. Grande</i>	Missa dos Jovens – 19h15
5	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h
8	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
11	<i>Vale de Lobos</i>	Encontro de Namorados e Famílias VD – 9h30/17h
17 a 19	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio (Animadores)
19	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h
18	<i>Casa da Palavra</i>	Missa da Comunidade – 18h
21	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura – 21h
23	<i>Casa da Palavra</i>	Serão de Responsáveis de Revisões e Aprofundamentos

Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

Março

1	<i>Paróquia C. Grande</i>	Formação de Animadores (Jovens) – 21h
5	<i>Paróquia C. Grande</i>	Missa dos Jovens – 19h15
5	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h
8	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
10 a 12	<i>Vale de Lobos</i>	CPM
18	<i>Casa da Palavra</i>	Peddy Paper – 10h
18	<i>Casa da Palavra</i>	Missa da Comunidade – 18h
19	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h
21 a 23		Retiro Online – Quaresma
21	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura – 21h
23	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas – 21h30 (Capela 5º andar)
24 a 26	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio
30	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas – 21h30 (Capela 5º andar)

Abril

2	<i>Paróquia C. Grande</i>	Missa dos Jovens – 19h15
2	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h
5	<i>Paróquia C. Grande</i>	Formação de Animadores (Jovens) – 21h
6	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas – 21h30 (Capela 5º andar)
8 a 12		Peregrinação de Jovens, Fátima
13 a 15	<i>Paróquia C. Grande</i>	Páscoa Fraternal
13 a 15	<i>Vale de Lobos</i>	Páscoa em Oração
18	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura – 21h
19	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
22 a 24		Peregrinação de Adultos, Fátima
27	<i>Casa da Palavra</i>	Conselho Apostólico Representativo – 21h
28 a 1 Mai	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio (quatro dias)
29 a 30		Peregrinação de Casais, Fátima
30	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h

Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

Maio

3	<i>Paróquia C. Grande</i>	Formação de Animadores (Jovens) – 21h
7	<i>Paróquia C. Grande</i>	Venda das Flores
7	<i>Paróquia C. Grande</i>	Missa dos Jovens – 19h15
10	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
11	<i>Casa da Palavra</i>	Serão de Revisões e Aprofundamentos – 21h
13	<i>Fátima</i>	Centenário das Aparições em Fátima
14	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h
16	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura – 21h
19 a 21	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio
26 a 28	<i>Vale de Lobos</i>	CPM

Junho

3		Festa FaMVD Lisboa 40 anos
6 a 8		Retiro Online – Verão
7	<i>Paróquia C. Grande</i>	Formação de Animadores (Jovens) – 21h
11	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h
20	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura – 21h
21	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
24	<i>Vale de Lobos</i>	Assembleia da Comunidade – 10h
24	<i>Vale de Lobos</i>	Missa da Comunidade – 17h
25	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_ Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_ Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

- _ da oração;
- _ do ministério da Palavra;
- _ do testemunho de vida evangélica.



Centro de Evangelização Vale de Lobos
Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do
Bispo
GPS N 38° 49' 15"; W 9° 17' 25"
Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra
Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa
Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei
lisboa.verbumdei.org | contacto@lisboa.verbumdei.org | Tel. Lisboa
- 21 795 0957

cadernodeoracaovd@gmail.com